

Senador apela para o choro

Da Agência JB

As lágrimas derramadas segunda-feira pelo senador José Roberto Arruda (DF) na tribuna do Senado não são novidade. Na capital federal, Arruda ganhou notoriedade por cair no choro toda vez que se sente ameaçado. A defesa emocional inclui juras de inocência e apelos à família. Ele costuma citar os filhos como

penhor de sua inocência sempre que é alvo de denúncias.

O primeiro registro oficial do pranto do parlamentar data de novembro de 1993. Faz parte de um inquérito do Ministério Público que investigava superfaturamento na construção do metrô de Brasília, durante o governo de Joaquim Roriz. Arruda era secretário de Obras do Distrito Federal.

O autor do relato foi o arqui-

teto Carlos Magalhães. Em 1993, ele era responsável pelo Instituto do Patrimônio Cultural e decidiu investigar o metrô. Foi procurado por um angustiado Arruda. Em seu depoimento, Magalhães contou que Arruda temia ver sua carreira política destruída se o caso chegasse aos jornais. "A conversa foi interrompida pelo choro compulsivo do doutor Arruda e por pedidos para que o depoente o salvasse", contou Magalhães aos procuradores. Presente à reunião, o delegado Paulo Castelo Branco, amigo do arquiteto, não resistiu. Compôs um samba falando das lágrimas do político. Mantém a letra em segredo.

Apesar dos apelos, as denúncias chegaram à imprensa e, meses mais tarde, à CPI do Orçamento do Congresso. "Arruda telefonava para os parlamentares em pranto. Chorava alto, falava dos filhos e jurava

inocência", conta o ex-deputado Sigmaringa Seixas, integrante da Comissão Parlamentar de Inquérito que apurava desvio de verbas do Orçamento da União.

A violação do painel trouxe de volta as lágrimas. Na sexta-feira passada, Arruda chorou abraçado ao ministro das Comunicações, Pimenta da Veiga. Em nenhum momento, entretanto, o apelo emocional foi tão forte quanto no discurso de segunda-feira. Em 42 minutos de pronunciamento e auto-humilhação, como ele mesmo descreveu, as lágrimas surgiram seis vezes. Na ocasião, para dizer a verdade. Não como fez uma semana antes, que insistiu na sua inocência durante um discurso que durou mais de uma hora. Mas, depois do depoimento da ex-diretora do Prodasen Regina Borges, teve de assumir a culpa na violação no painel de votação do Senado.